

Sombra do passado ronda Planalto

■ Simon parte para ofensiva e diz que Sarney quer voltar

DANIELLA SHOLL

Em plena campanha para a presidência do Senado, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) preferiu a ironia, ontem, ao comentar a presença de seu adversário José Sarney (PMDB-AP) sentado junto aos ministros na posse de Fernando Henrique e na descida da rampa do Palácio do Planalto. "Achei um ótimo símbolo. Estavam ali o otimismo representado pelo Fernando Henrique, o Itamar, como o presidente que deu certo, e o Sarney, no papel da sombra do passado que não pode voltar", disse Simon, em seu gabinete no Senado.

Simon aposta em sua vitória na disputa para a presidência, dia 2 de fevereiro, a despeito dos comentários pelo Congresso que dão como certa a eleição de Sarney. "O problema do Sarney é que ele quer usar a presidência do Senado para voltar à Presidência da República", argumenta Simon, representante do grupo ético do PMDB.

Além de Simon e Sarney, está na disputa o senador Íris Rezende (PMDB-GO), que, teoricamente, disputa os mesmo votos nordestinos de Sarney. Regimentalmente, o PMDB, por ser a maior bancada do Senado, é quem indica o presidente daquela casa. O vencedor deve conquistar até 31 de janeiro — data marcada para uma reunião do partido para decidir a questão — o voto da maior parte

Arquivo



Sarney: "Sombra do passado"

dos 22 votos dos senadores pemedebistas. Esse número pode cair para 21, caso não seja aprovada a anistia para o senador Humberto Lucena (PMDB-PB), que teve sua candidatura cassada pelo TSE.

Com a bandeira da moralização e agilização do Senado, Simon hoje já dá a sua primeira tacada, apresentando um projeto que proíbe que o Senado faça obras no prédio sem a aprovação do plenário. Trata-se de uma tentativa de golpear a candidatura de Sarney, que tem como vice em sua chapa o senador Júlio Campos (PFL-MT). Atual primeiro-secretário da Mesa Diretora do Senado, Júlio Campos mandou transferir de lugar o restaurante do Senado para ampliar seu gabinete.